

**Não jogue
fora um
homem
bom
desses**

ANMOSTRRA

ANA EMÍLIA CARDOSO

**Não jogue
fora um
homem
bom
desses**



Não jogue fora um homem bom desses

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.
Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2025 Ana Emilia Cardoso

ISBN: 978-65-602522-33

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

C173n

CARDOSO, Ana

Não jogue fora um homem bom desses / Ana Cardoso. – São Paulo: Faria e

Silva Editora, 2025.

152 p. ; 14 x 21 cm

ISBN 978-65-602522-33

1. Divórcio – Relatos pessoais. 2. Separação conjugal – Aspectos psicológicos. 3. Crise conjugal – Literatura. 4. Literatura brasileira – Século XXI. I. Título.

CDD: 306.89

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

*As mulheres com passagem por um divórcio,
tanto as tristes quanto as felizes.*

AMOSTRA

Parte 1

Traí. Não foi um caso de meses, nem uma noite casual de sexo selvagem. Foram alguns beijos e amassos em um cara comum, coisa de bêbada. Fiquei com ele no bar onde estavam alguns conhecidos meus e do meu — agora — ex-marido. Foi bom, eu andava triste, me sentindo sozinha. Me diverti horrores naquela noite. Na minha cabeça ninguém estava prestando atenção em nós, ninguém viu nada. Só na minha cabeça.

Talvez se a pegação tivesse parado ali ficaria por isso mesmo e a vida seguiria seu curso. Ressaca no dia seguinte, uns dias de mal-estar e em meses nem me lembraria mais, estaria completamente readequada à enfadonha rotina emocional da vida de casada.

O fato de termos trocado telefones e engatarmos uma conversa picante madrugada adentro tornou aquele pequeno escorregão um crime inafiançável, o pino retirado da granada que anuncia a guerra. Descuidei ao entrar no quarto, quase de manhã, e meu ex apossou-se do telefone. Enfureceu-se e botou uma pedra em cima de tudo que vivemos. Saiu de casa para nunca mais voltar. Por causa de uns beijos. E meia dúzia de nudes. Achei a reação desproporcional.

Todo mundo precisa, de vez em quando, de uma descarga de adrenalina, serotonina, dopamina, um desses hormônios que nos deixam a mil. Entendo que olhando do lado do cônjuge que estava dormindo em casa possa parecer terrível, mas por que motivo ele não estava lá comigo? Quando sai de casa era cedo, o bar fica a menos de dez minutos de carro e ele sempre disse gostar daquele tipo de ambiente. Mas não foi, nunca ia. Eu fui, estava divertido e deu no que deu.

Há anos venho testemunhando separações. Algumas brandas, outras ardilosas, com traições, violências e descasos. Já rompi amizades, discuti com deus e o mundo, mas nunca havia dado motivo para falarem ou questionarem minha dedicação ao Beto. Meu casamento era sólido como um túmulo de granito de alguém rico e importante. Parecia inquebrantável, mas rachei ele todo, numa só marretada.

Será que uma pessoa que preza mesmo o casamento abre mão de uma vida juntos por causa de uma noite sem importância? Essa pergunta cabe a nós dois.

Separada

Estive casada por mais de vinte anos com o mesmo homem, Beto, Nilson Roberto Esteves Filho, pai da minha filha e grande paixão da minha vida. Se o casamento foi uma brisa de aprendizagem que soprou lenta e constante, a separação tem sido um ciclone extratropical, desses que têm se tornado comuns e que causam destruição, enchentes e nos deixam prestes a desmaiar. Tudo muito rápido.

Por que acabou? Nenhum casamento termina do nada, por uma bobagem. A gente geralmente não enxerga o óbvio. Está ali, embaixo

do nosso nariz, entre o lençol e o cobertor, a porta e o elevador. As relações vão ruindo, ruindo e quando vemos, elas apenas não existem mais.

Muitas vezes ouvi: se houver uma brasa, uma fagulha que seja, sobre forte, não ponha sua família fora. Mas quando a gente não tem mais fôlego para soprar, faz o quê?

É difícil aceitar o fim. Passei anos pensando que não dava mais, que estava infeliz na relação. O problema é que a vida de casada faz parte do modelo de sucesso que nos ensinam. Estar casada não deixa de ser uma vitória, uma vitória não definitiva, bem trabalhosa, daquelas que demandam manutenção diária. Mesmo quando um casamento vai de mal a pior a gente não sonha em se separar. Não tem glamour algum nisso. Um divórcio não é algo descolado, é doído. Há que se viver o luto de um projeto, quando não de um sonho.

Assim, quase toda separação costuma ter aura de derrota. Quando alguém me conta que algum casal está se separando, fico curiosa. Por quê? Quem saiu de casa? O que houve? Aposto que ele tem outra. Já sei, ela se apaixonou. Cada pessoa é um universo e muitas podem ser as trilhas que levaram ao fim. Hoje acredito que se separar não é fracassar, é começar outra vida.

Não tem um dia em que eu não pense na personagem Christine, do livro “Êxtase da transformação”, de Stefan Zweig. Nenhuma passagem literária me explicou tão bem o que é viver uma situação tão invisível e limítrofe quanto o fim de um casamento quanto esta que diz: *Toda matéria possui certa medida de resistência, além da qual a elevação não é possível, a água tem seu ponto de ebulição, os metais seu ponto de fusão, e também os elementos da alma não fogem a essa lei irrevogável. A alegria pode atingir determinado grau, qualquer acréscimo já não será*

percebido, e assim também ocorre com a dor, o desespero, a repugnância e o medo. Quando cheio até a borda, o vaso interior não absorve nem mais uma gota do universo.

Meu vaso interior estava cheio demais, tanto que transbordou naquela noite. Poderia ter sido outro dia, em outra situação na qual eu não performasse uma vilá, mas aconteceria a qualquer momento, era inevitável. Tanto que o ocorrido não foi exatamente uma surpresa pra ninguém. Ninguém me dirigiu um olhar triste e disse: Vocês? Nunca imaginei!

Poucos rompimentos chocam na pós-pandemia. Boa parte das pessoas que estavam se enrolando para terminar uma relação percebeu que não havia como postergar eternamente algo tão central na vida.

O problema é que a gente é uma pessoa quando está solteira. Casa, vira outra. E outra. E outra. Lá pelas tantas, nem sabe mais quem é. Aí, quando se separa, a gente descobre tanta coisa que fica difícil acreditar que nossa vida estava como estava. Ou que aquela mulher casada era mesmo a gente. Já faz algum tempo que aconteceu comigo e continuo surpresa. E feliz.

O que eu mais gosto é da sensação de que tudo pode acontecer. Os homens me paquerando, eu fazendo charme. Gosto de ser admirada, de ser livre e não orbitar ninguém. Aquela traição foi só o começo de um longo período de entender quem eu sou, do que eu gosto e de como a vida pode ser bem divertida.

(Antes da pandemia, três anos antes de ele sair de casa, estava tudo mais ou menos bem.)

O sangue, a briga e a vida

Só uso absorvente com abas. Os modelos mais finos são sempre engolidos pela minha bunda. Preciso de proteção extra. Toda vez que peço ao marido que traga absorventes da rua, ele compra errado. Fico puta da cara.

Estamos casados há vinte anos. A menstruação faz parte do convívio íntimo de qualquer casal. Há mulheres que tremem de dor, mal saem da cama nesses dias. Muitas vivem quase normalmente. Outras tomam injeções para não menstruar. Já pertenci ao primeiro grupo, quando tinha endometriose. Hoje, pós-cirurgia, me esforço para ficar de boas. Não a ponto de celebrar o sangue, mas sem sofrimento.

Trabalho o dia todo, dirijo por horas e me ocupo da vida dos alunos, das amigas e da família. Planejamento ou rotina são palavras absolutamente estranhas pra mim, vou vivendo e fazendo. TPM nunca foi problema aqui em casa, mas quando meu sangue desce e nunca tenho absorventes, uma guerra doméstica se anuncia. Imploro que ele vá à farmácia, ele compra sem abas, será de propósito? Ele, que não é de reclamar, se indigna: Será possível, por que não ter em casa um estoque de absorvente com abas, seja lá como for, do modelo que gosta?

Brigamos, discutimos, eu choro, ele pede desculpas. E o casamento segue, com brigas tão cíclicas que poderiam ser marcadas no calendário e até mesmo previstas. Bem como minha menstruação, que nunca sei quando vem. E para a qual nunca estou preparada. Mas deveria, segundo ele.

Sorvete para esfriar

Amo sorvete. De pistache, iogurte com mirtilo, goiaba, chocolate, limão siciliano, creme, não consigo pensar num sabor que eu não encararia. Adoro passas ao rum, cereja, manga e amarena. Quando está muito quente, prefiro fruta sem leite, tipo *sorbet*. De preferência numa casquinha.

Assim, quando meu então marido fisioterapeuta anunciou, em 2018, que abriria uma gelateria, fiquei animada, apesar dos quilos a mais na silhueta. Há anos eu era a pessoa que passava o dia na rua ralando e chegava em casa tarde, enquanto ele trabalhava num esquema flexível. Atendimentos numa clínica, sem muito estresse, com tempo até para se dedicar à sua paixão, tocar bateria.

Pensei que estava ali a solução para uma equação desigual que vinha minando nossa relação há tempos. Apesar de curtir suas massagens, nunca tive muita paciência para conversar sobre sua profissão e tudo que ela envolve, como o quadrado lombar, o músculo piriforme ou as contraturas. Sou muito mental, não uma pessoa interessada no funcionamento do corpo. Já de sorvete, sempre gostei.

Primeiro ele elaborou — com todos os detalhes possíveis — o projeto da tal sorveteria. Contratou meu cunhado arquiteto e não falava de outro assunto.

Sorvete, máquina, sabor, insumos, investimentos, local, prazos, precificação. O homem congelou seu cérebro para todo o resto. Virou o hiperfocado.

Gosto de conversar. Sou aquariana louca. Tudo (menos o corpo) me interessa, não perco uma discussão por nada neste mundo, estou

sempre ligada na tomada. Ainda bem que passo o dia na universidade tagarelando com gente criativa e interessada. Dou aulas de manhã e à noite e faço doutorado à tarde. Quando chegava em casa, exausta, às vezes não queria nem mesmo conversar porque já havia esgotado o repertório do dia.

Porém, nos dias em que eu queria o mínimo de interação humana doméstica, o assunto era um só: sorvete. Ou sexo. Aí, quem esfriava era eu.

Distâncias

Como todo curitibano, ele tinha uma fixação por Florianópolis, capital de Santa Catarina, a três horas de carro daqui, num dia sem trânsito.

— São só quatro dias de curso, Estela. Vou correr a Volta à ilha, descanso, aprendo a fazer sorvete com o melhor sorveteiro do Brasil e logo volto pra casa —, prometeu com os olhos brilhando, imaginando que eu morreria de saudades durante a semana que passaria fora.

Eu estava tão envolvida com minhas aulas que nem me importei. Fiquei até feliz pensando de fato nos sorvetes. Foi bem nessa época que nossa filha começou a se fechar, ir mal da escola, não querer fazer nada. E ele? Nem aí, só falava em casquinhas, coberturas e essências.

Quando chegou a data da viagem para Floripa, fiquei estranhamente feliz. É bom não ter um homem em casa todo dia. Eu vi vantagem em poder sair a noite com as amigas para tomar um chope sem avisá-lo e em não ter que ignorar seus comentários sobre eu comprar roupa demais ou comer chocolate o tempo todo.

Ele, organizado que é, desmarcou os pacientes, arrumou suas coisas, pagou a corrida e o curso, alugou um apartamento na praia do Jurerê e foi. Normalmente quando ele vai só para a corrida, fica num hotel no centro, com sua equipe. Lá contratam uma van que dá o suporte técnico. É o ponto alto do ano dele. Ele se deslumbra com as paisagens. Verdade seja dita, Floripa é mesmo linda. Ainda mais pra quem gosta de correr, num dia em que a cidade toda respira a tal corrida de revezamento.

Houve anos que eu ficava insegura, me sentia sozinha e até pensava que se eu não tivesse que trabalhar, iria junto. Nem que fosse pra ficar na piscina do hotel ou na praia pegando sol. Adoro sol. Ficar mais velha tem essa vantagem: a gente passa a valorizar mais nossas coisas, nossos programas, e desencana de estar sempre junto, de vigiar e cuidar (do marido).

Assim, em 2019, eu estava bem mais interessada no curso dele do que preocupada com o que ele faria e quem encontraria na tal corrida. Zero ciúmes, zero preocupação. Já fui bem pior que isso, pensei, na ocasião.

Como fazer sorvete bom

Na Praia dos Ingleses, vive um italiano que vem fazendo história com seus sorvetes de massa. Em frente à sua loja, formam-se filas todos os dias até a hora de fechar. Ele nem era sorveteiro de profissão, mas se apaixonou por uma farmacêutica brasileira cuja irmã tinha uma pequena sorveteria em Criciúma, no sul de Santa Catarina, o que acabou transformando sua vida. O amor faz suas mágicas.

O casal se conheceu numa viagem de Juliana com amigas para Portugal. Ele achou divertida aquela brasileira que não abria mão dos óculos escuros nem para tirar fotos. “Fiquei intrigado”, conta ele. Eu, particularmente, acho a coisa mais natural do mundo. Ainda mais em Portugal com aquelas calçadas brancas que refletem a luz que quase cega a gente. Mas Cesare achou curioso. Quis conhecer mais a catarinense. À noite já estava encantado pela risada, o bom humor e os enormes olhos azuis com cílios fartos que se esconderam durante o dia atrás das lentes escuras com proteção contra raios ultravioletas.

Não demorou pra ele atravessar em definitivo o Oceano Atlântico e firmar residência em Santa Catarina. Se na Itália era contador, aqui mudou completamente de ramo. Priscila, sua cunhada, irmã de Juliana, estava prestes a fechar um negócio da família, uma sorveteria — ironicamente — italiana. Cesare quis conhecer a loja, o maquinário, os sabores e brilhou: teve uma ideia. Por que não vender sorvete na praia onde moravam, no norte da ilha de Florianópolis?

Com o know-how adquirido da cunhada, Cesare e Juliana começaram a produzir sorvete em casa e vender na garagem, nos finais de semana. De imediato os sabores butiá e pitanga conquistaram um público. Os butiás, pequenos cocos amarelos com gosto agridoce colhidos em palmeiras anãs, vêm do sul do estado, de Laguna, Tubarão e Criciúma, uma delícia.

As pitangas são colhidas nas ruas da Praia dos Ingleses mesmo. Como tem pitangueira na região! Em questão de meses, vinha gente da ilha toda atrás dos sorvetes. A Monte Pelmo logo se tornaria o estabelecimento com mais avaliações positivas em rankings como o Trip Advisor. É considerada a terceira melhor do país. O cardápio, inicialmente frugal, foi crescendo e incorporando sorvetes com leite,